

FLÁVIO JOSEFO: O PROFETA E O POLÍTICO

BRUNO PEGORARI*

O presente trabalho pretende discutir e problematizar o papel do historiador Flávio Josefo como profeta e político. Para isso, faremos uma apresentação sobre sua origem, nobre e sacerdotal, associando sua importante formação religiosa. Posteriormente, faremos uma análise de uma previsão realizada em Jotapata que mudaria o rumo de sua situação como cativo.

ORIGEM E FORMAÇÃO

Yosef ben Mattitihou ha-Cohen, posteriormente conhecido como Flávio Josefo, nasceu em Jerusalém no ano 37 do primeiro século de nossa era e tendo falecido, provavelmente, no início do segundo século, como Vicente Dobroruka (2007, p. 120) nos informa: “Josefo sobreviveu a Domiciano e deve ter falecido durante o reinado de Trajano [...]”.

Josefo orgulha-se de pertencer a uma família de grande importância em Jerusalém. Estre frisa que possuía origem sacerdotal (*Vita* 1-2), sendo que sua família se figurava como a primeira das vinte e quatro classes em que a tribo Levi havia sido dividida. Assim como Mireille Hadas-Lebel (1991, p. 19) destaca: “[...] os descendentes de Aarão haviam sido repartidos por sorteio em 24 classes, na primeira linha das quais estava a de Yehoyarib. Na época de Josefo, a distinção ainda subsistia [...]”.

Cumprir realçar que seu sobrenome/título de nascimento (ha-Cohen) é importante para discussão aqui proposta, uma vez que sua tradução seria “o sacerdote”, vinculando Josefo desde o nascimento a essa importante função.

Os próprios sacerdotes, ou *cohanim*, pertencem a tribo de Levi. Esta não recebeu territórios nos tempos bíblicos, pois cabe-lhe uma missão mais elevada: a de guardar a aliança. Dessa tribo provém, em especial, Aarão e Moisés, filho de Amram, mas somente a descendência de Aarão, o irmão mais velho, é tida por fornecedora dos grandes sacerdotes “ungidos pelo Senhor” e pode usar o título *cohen*. (HADAS-LEBEL, 1991, p. 19).

Por parte materna, Josefo possuía origem nobre, se figurando como descendente dos Asmoneus¹ (*Vita*, 2). Esse destaca que seus antepassados foram sumos sacerdotes e reis do seu povo por muitíssimo tempo. Hadas-Lebel (1991, p. 20) enfatiza afirmando que “Ele está ligado a dinastia legítima, visto que, diz ele, seu trisavô paterno, filho de Simão, o gago, chamado Matias, havia desposado uma filha do sumo sacerdote Jônatas”.

Assim, os Asmoneus estavam ligados a dinastia legítima, diferentemente da dinastia herodiana, que governava ao tempo de Josefo. Essa última chega ao poder com o apoio dos romanos na pessoa de Antípater, um príncipe da tribo idumeia que foi o indicado romano ao cargo com o título de procurador. Posteriormente, Herodes, seu filho, logra-se como “rei” da Judeia, abarcando outros territórios como a Galileia e a Samaria, como John E. Stambaugh (1996, p. 18) nos mostra.

Importante destacar que na época de Josefo essa divisão era importante e estava registrada em arquivos públicos. Josefo, ainda, enfatiza que todas essas informações estão disponíveis para que o mesmo não seja alvo de calúnias (*Vita*, 6).

O contexto dessa origem, nobre e sacerdotal, é importante para que possamos colocar Josefo como uma elite em Jerusalém, uma vez que tal posição será de suma importância, tendo em vista os acontecimentos que virão com a guerra e suas consequências.

Consideramos como elite o fato de que a família de Josefo possuía destaque em Jerusalém. Não apenas por sua origem, mas tendo em vista que seu pai era reconhecido por sua retidão e gozava de grande prestígio em Jerusalém (*Vita*, 7).

Nesse mesmo sentido, podemos frisar que além do ofício de historiador, Flávio Josefo, mesmo em tenra idade, já possuía certa notoriedade ao afirmar que era conhecedor das leis:

Mal tendo saído da infância, por volta de meu décimo quarto ano, todos me felicitavam por meu amor ao estudo, pois os sumos sacerdotes e as pessoas ilustres da cidade vinham ver-me continuamente para aprender comigo este ou aquele ponto mais específico de nossas leis. (HADAS-LEBEL, 1991, p. 30).

Como podemos observar, mesmo em sua juventude, nosso autor reafirma sua superioridade intelectual, o mesmo diz foi educado juntamente com seu irmão, porém Josefo se destacava por sua memória e inteligência (*Vita*, 8). Hadas-Lebel (1991, p. 30) o chama de criança prodígio, discutindo com sua “autobiografia” o fato do historiador, já no início de sua puberdade, ser de importante opinião às pessoas que o procuravam.

* Mestrando da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CNPq. E-mail: brunopegorari1@hotmail.com

¹ A dinastia asmoneia governou entre os anos 134 a 37 a. C.

Cumpra esclarecer que todo o acesso educacional no início do século I d.C. na Judeia era vinculado apenas a questões religiosas. Como podemos observar: “A natureza do ensino recebido não deixa nenhuma dúvida: trata-se de um ensino puramente religioso, baseado na Torá². De fato, julga-se que os livros sagrados contêm o saber essencial ao homem para que conduza sua vida neste mundo.” (HADAS-LEBEL, 25-26, 1991).

Assim, conhecer as leis de Deus era essencial para a formação de um jovem em ascensão. Josefo, ainda durante sua juventude, passa a analisar os três grupos religiosos presentes na Judeia: fariseus, saduceus e essênios, observando e conhecendo suas determinações e exigências (*Vita*, 10).

Hadas-Lebel (1991, p. 37-42), nos traz que dentre as três correntes religiosas, os fariseus representavam o maior grupo de adeptos e eram conhecidos pelo seu interesse e dedicação ao estudo. Quanto aos saduceus e aos essênios, a autora destaca a oposição a algumas crenças farisaicas, uma vez que os primeiros (saduceus) negavam a imortalidade da alma e eram extremamente restritos às escrituras sagradas, aplicando a lei bíblica com todo o seu rigor.

O último grupo (essênios) possui uma ampla descrição por Josefo, acredita-se que tal seita tenha exercido uma forte atração em nosso autor. Porém, cumpre destacar que tal grupo possuía um grande compromisso em regras comuns de convivência, que poderia incluir a própria renúncia ao casamento. Algumas dessas regras podem ter influenciado Josefo a escolher a corrente farisaica. Tendo em vista que eram mais brandos se comparados às outras seitas.

Após conhecer profundamente as três correntes religiosas mais importantes da Judeia, Josefo passa por um período de três anos com um eremita do deserto (*Vita*, 11-12), “[...] chamado Bannus, durante o qual ele pôde tomar contato mais próximo com variedades ascéticas do judaísmo [...]”. (DOBRORUKA, 2007, p. 120).

Passada toda essa experiência, Josefo define suas escolhas espirituais. Este se determinaria e passa a se comportar como um fariseu. Tal escolha tem consigo uma grande carga política, uma vez que essa seita era a mais branda dentre todas, tendo em vista suas regras. Coincidentemente, foram os que sobreviveram aos massacres da guerra que estaria por vir, como podemos observar:

Assim, somente depois de ter procurado “informar-se da forma mais plena e concreta possível”, escolheu abraçar a seita farisaica – o que poderia ser qualificada

² Nome dado aos cinco primeiros livros que constituem o texto central do judaísmo.

como “moderada” -, o que enfatiza, uma vez mais sua intenção de aparecer como um homem ponderado; aliás, essa escolha foi a mais criteriosa, já que os fariseus foram os únicos a sobreviver após a queda do templo no ano 70. (LAMOUR, 2005, p. 20).

Podemos colocar Josefo como um homem ponderado, tendo em vista que em inúmeros momentos esse utiliza as vias diplomáticas para revolver os conflitos, empregando o diálogo, mantendo uma postura centrada e atuando com demasiada prudência.

Josefo é fonte fundamental para os estudos sobre a Palestina Romana nos séculos I a.C. e I d.C. Conhecem-se quatro obras de sua autoria: *Bellum Judaicum* (Guerra dos Judeus), *Antiquitates Judaicae* (Antiguidades Judaicas), *Contra Apionem* (Contra Apião) e *Vita* (Vida). Suas obras se destacam não apenas pela contribuição histórica, mas tendo em vista que trazem discussões, personagens e intelectuais que só são conhecidos pelas referências de que Josefo se utilizou.

PREVISÃO

Um dos momentos de maior importância na vida de Josefo se realiza quando o mesmo já está preso nas regiões da Judeia sob o comando dos generais Vespasiano e Tito. Após certo tempo de cativo, Josefo solicita uma reunião particular com Vespasiano para lhe fazer uma revelação.

Sob a tenda do general vencedor, só haviam ficado cinco pessoas: ele mesmo, seu filho Tito, dois amigos e Josefo. Este último apressou-se em começar a apagar a desonra de sua rendição. Cederia não ao desejo de viver, mas à necessidade imperiosa, ou melhor, à missão que tinha de transmitir uma mensagem divina de que era detentor: breve Vespasiano seria, ele mesmo, imperador. (BJ, III, 402). (HADAS-LEBEL, 1991, p. 131-132).

As previsões feitas por Josefo estão ligadas ao termo "*oneirei*", ou seja, previsões que dependem de uma interpretação. Tal termo é destacado por Dobroruka (2001, p. 5) e seguem de acordo com os trabalhos Simon Price. Importante destacar que essas (previsões) estão ligadas ao sono e aos sonhos e por isso demandavam interpretação.

Assim, Dobroruka (2001, p. 3) destaca que o episódio do sonho que Josefo teve em Jotapata é decisivo; nele, fica claro que o "governador do mundo" [...] é o imperador Vespasiano, e não o messias de Israel.

Josefo nos diz:

Mas o que os incitou a guerra mais do que tudo foi um oráculo ambíguo, encontrado em seus livros sagrados, que dizia que naquele tempo alguém do seu país tornar-se-ia governante do mundo. Eles entenderam isso como dizendo respeito a alguém da própria raça, e muitos sábios se perderam com essa interpretação. O oráculo, na verdade, dizia respeito à ascensão de Vespasiano, proclamado Imperador em solo judaico. Por tudo isso, é impossível aos homens escaparem ao próprio destino, mesmo quando podem antevê-lo. (BJ - VI, 310-315) (DOBRORUKA, 2001, p. 3-4).

Como já destacado, Josefo representa parte da elite judaica (origem nobre e sacerdotal), conhecedor das leis e das escrituras sagradas. Assim, tal previsão possuía um peso, e mesmo que Vespasiano e Tito fossem incrédulos quanto a tais profecias, esses não poderiam apenas o ignorar, uma vez que suas ambições poderiam ser despertadas por parte de um cativo tão fora do comum. (HADAS-LEBEL, 1991, p. 132).

Após um período conturbado durante a guerra na Judeia, juntamente com a morte do Imperador Nero na cidade de Roma, finalmente tais profecias se realizam. Vespasiano agora é Imperador e seu filho Tito continua como general nas campanhas da Judeia.

Assim, depois de todas as investidas e conquistas sobre as últimas fortalezas da região, Josefo chega a capital do império mediterrâneo. Nesse momento, encontra-se num lugar privilegiado, não mais como cativo, mas como um liberto do novo Imperador.

Desde o início de sua nova morada, Josefo foi agraciado com vários benefícios, onde se incluía a sua própria residência (*Vita*, 423). No trecho abaixo podemos observar a relação de Josefo com o próprio Imperador: “Vespasiano não o deixara instalar-se no bairro judeu, insalubre e superpovoado. Ofereceu-lhe como residência a mesma casa onde vivera antes de ser imperador. [...] Vespasiano não podia fazer menos do que atribuir-lhe cidadania romana.” (HADAS-LEBEL, 1991, p. 222-223).

Nesse momento, nosso autor passa a se designar pelo nome da família de seu libertador. Yosef ben Mattitihou ha-Cohen agora é Titus Flavius Josephus, mudando não apenas seu nome, mas também alterando seu status perante a sociedade.

Devido a tais acontecimentos, Josefo é extremamente criticado (e.g. Justo de Tiberíades e Apião). As maiores críticas se referem ao fato de que durante os acontecimentos, Josefo mudou de lado, sendo considerado assim um traidor. (*Vita*, 424-425).

Importante ressaltar que todas as obras de Josefo, tanto as de cunho historiográfico, como os relatos, foram produzidos muitos anos após a sua captura durante a guerra. Nesse

momento, Flávio Josefo vivia em Roma, tendo a sua disposição grande acervo para pesquisa, como também o auxílio de funcionários e pensões de origem imperial.

Assim, acreditamos que para além das questões religiosas, as ações de Josefo se mostram também políticas, ao tempo em que exerce uma relação de proximidade com o general e posterior Imperador de Roma.

Josefo também se utiliza de seus contatos para se legitimar socialmente. Para isso, o mesmo trocava correspondências com o próprio Rei Agripa II, que concordava com seus relatos. Cerca de sessenta e duas cartas foram trocadas (HADAS-LEBEL, 1991, p. 244).

Assim podemos observar:

“O rei Agripa a Josef, seu amigo muito estimado, saudações. Foi com muito prazer que li vosso livro. Considero que mostrastes muito mais exatidão do que qualquer um daqueles que abordaram o assunto. Enviei-me outros volumes. Saúde.”
“O rei Agripa a Josef, seu amigo muito estimado, saudações. A partir de vossa obra, vê-se bem que não precisais que vos ensinem a forma de ser lido do começo ao fim. Quando puderdes vir ver-me, porém, ensinar-vos-ei de viva voz muitos detalhes ignorados.”

Não apenas com reis, Josefo estava próximo dos imperadores que atestaram a veracidade das informações. Assim, nosso autor se mantinha próximo da elite judaica de forma indireta (por meio do rei Agripa II) e da elite romana de forma próxima e ativa (pela família e casa imperial).

Dessa forma, observamos que mesmo nesse contexto Josefo sobrevive socialmente por meio de suas obras. Se legitimando perante aos judeus e aos romanos, numa tentativa de se afirmar como um dos poucos, quiçá único, que poderia escrever com “veracidade” os acontecimentos da guerra e suas consequências.

Observamos também, que suas ações proféticas estão atreladas às suas ações políticas, o que nos faz pensar que Josefo, acima dessa condição, demonstra claramente a intenção de se parecer com um bom judeu, atento às práticas religiosas e aceitando da melhor forma possível os desígnios divinos, revelados por meio dos sonhos e interpretados pelo mesmo.

Acreditamos que com o presente artigo, algumas questões tenham sido tratadas. Pretendemos aqui apenas iniciar o desenvolvimento de algumas ideias relacionadas ao papel de Flávio Josefo como profeta e político, uma vez que são importantes para a análise e estudo de certos documentos, especialmente quando se trabalha com fontes documentais tão debatidas e questionadas.

REFERÊNCIAS:

DEGAN, Alex. *A polêmica entre Yosef ben Mattitiahou ha-Cohen e Titus Flavius Josephus*. In: *História Revista: Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Goiás – Goiânia: Programa de Pós-Graduação em História*, v. 17, n.2, jul./dez. 2012, p. 123-140.

_____. *Judaísmo em Suspensão: O Judaísmo de Flávio Josefo*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

DOBRORUKA, Vicente Carlos Rodrigues Alvarez. *A Interpretações dos Sonhos em Josefo*. UFOP - IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos - XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC, 5-10 de agosto de 2001.

_____. *Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia*. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). *História e Retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 119-136.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos. Envelhecer e Morrer*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FITTIPALDI, Mário. *Nota do Editor*. In: *Seleções de Flávio Josefo: Autobiografia; Resposta a Ápio; Antiguidades Judaicas; As Guerras Judaicas*. São Paulo: Editora das Américas, 1974, p. 7-10.

HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo: o judeu de Roma*. Tradução: Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOSEFO, Flavio. *Sobre la Antigüidad de Los Judíos. Autobiografía*. Traducción, introducción y notas de: Maria Victoria Spottorno Díaz-Caro. Madrid. Alianza Editorial, 2011.

JOSEPHUS, Flavius. *Life of Josephus*. Translation and Commentary by Steve Mason. Leiden: Brill, 2001.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião do período helenístico*. Vol. 1. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

LAMOUR, Denis. *Flávio Josefo*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação da Liberdade, 2006.

LORIGA, Sabina. *A Biografia como problema*. In: *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

ROCHA, Ivan Esperança. *A Vida Cotidiana na Palestina do Século I na Visão de Flávio Josefo*. São Paulo: Annablume, 2014.

_____. *Práticas e Representações judaico-cristãs: exercícios de interpretação*. Assis: FCL-ASSIS-UNESP Publicações, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Biografia como fonte histórica*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS – n. 36/37 – ano 20 – p. 9-15, 2007.

SILVA, Semíramis Corsi. *O Historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho*. História, imagem e narrativas. Nº 14, abril/2012 – ISSN 1808-9895 – <http://www.historiaimagem.com.br>.

SILVA, Uiran Gebara da. *A Escrita Biográfica na Antiguidade: uma tradição incerta*. Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista. V. 8. N. 1. 2008, p. 67-81.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.